

VINIL

o tal do gostinho especial

SHS21

Há prazeres eternos. O gosto pela música é um deles, inalienável, que se vai cultivando ao sabor da vontade e da vertigem dos dias. Sem perder as referências de 50 anos de História da “Pop Music” ou do “Rock ‘n’ Roll” – o que lhe quiserem chamar – temperados pela “coisa nova”, que emerge todos os dias. Vivemos na “Era da Velocidade” em que tudo é – mais ou menos – efêmero e transitório. Ficam as paixões... de sempre.

Aprendi a gostar de música e a devorá-la, agora mais a desfrutá-la, ouvindo discos e cassetes de fita magnética (as famosas K7). Primeiro pelo gosto da música em si, depois, porque tive a sorte de ter amigos mais velhos que me permitiram (e permitem) contactar com os seus velhos discos: os singles (7 polegadas), os EP’s, os Maxi’s, os LP’s (12 polegadas). Descobre-se e toca-se o passado.

A experiência - para além da música que se ouve através da rotação dos discos de vinil (vinilo) no prato das, hoje, velhas aparelhagens - é também manuseá-los. Retirar o disco da capa, observá-lo, desfrutar das capas, limpar os discos, colocá-los no prato, ouvir os ruídos da agulha a atacar o disco (as “pipocas”), os “discos riscados”, arriscar um scratch... e fazer uns riscos a sério. Marcas que ficam para sempre.

Manusear o objecto que os grandes DJ (disco-jockeys) transformaram verdadeiramente em arte. Do uso e da manipulação. E houve um dia em que, no Japão, a indústria descobriu que os miúdos compravam mais “pratos” de DJ do que guitarras. Entretanto, chegou o digital e a *dance-music*. Fusão, “n” possibilidades, múltiplas experimentações. E o DJ é o Rei.

Foram os “anos de ouro” do vinil. Que proporcionaram também muitos discos de ouro, platina e prata aos seus autores, pelas vendas realizadas. Agora, na Era do Digital, assistimos ao clamor da indústria que vende cada vez menos, e lá vai alimentando diatribes com artistas e juristas à volta dos direitos de autor em época de ficheiros partilhados online...

Curiosamente há alguns anos a OHs.21 realizou um evento pioneiro: a Exposição/Debate, que trouxe a Oliveira do Hospital talvez os mais importantes 50 discos da História do Rock, mais um debate com especialistas de renome como José Braga, da RUC, e o editor e colecionador Rui Ferreira: *Os Anos de Ouro do Vinil*.

E os belos disquinhos de vinil, ainda vendem? Dizem os estudiosos que sim. Três constatações:

1. Quem tem ido às lojas da especialidade, por exemplo nas grandes superfícies, repara que as estantes do vinil têm

vindo a ganhar espaço, títulos e diversidade de géneros. E vamos encontrando de (quase) tudo o que vai saindo em CD.

2. Curiosamente, dizem os especialistas analisando os números, as vendas de CD têm vindo a decrescer – fruto da partilha de ficheiros de som, downloads, etc., - mas as vendas de discos em vinil têm vindo a crescer. Tanto a nível nacional, como a nível mundial. Segundo dados oficiais reproduzidos na imprensa “o formato LP vendeu mais em 2008 do que em qualquer outro ano desde 1991” (fonte: Nielsen SoundScan). Atenção, não estamos a falar de um movimento massivo. Os resultados têm a ver com as ondas resultantes da “DJ Culture”, associada ao aumento dos puristas do vinil, que nunca abandonaram o formato e que agora têm

à sua disposição mais títulos e edições.

3. Outro curioso fenómeno é a proliferação das “Feiras de Vinil”. Ora em lojas da especialidade, ora em grande escala, como aconteceu neste mês de Março em Coimbra, na Praça da República. Curiosidade: o 1.º álbum dos Xutos & Pontapés, 78/82, valia 150 euros. Quem tem?

Porque tenho tido alguma sorte (e vou fazendo para não deixar o culto), tenho sido presenteado, no último ano com vários exemplares de LP’s. Fiz uma selecção que aprecio muito. Partilho-a:

The Rolling Stones, *High Tide and Green Grass – Big Hits* (1966, ABKO). Produzido por Andrew Loog Oldham, um dos “rapazes”, traz pérolas eternas: (*I Can’t Get No*) *Satisfaction*; *As Tears Go By*; *Time is On My Side*; *19Th Nervous*

Breakdown; *Get Off My Cloud*.

Um alfofre de boa musica e muita experimentação entre o pop, o rock bluesy e os “sonidos quase psicadélicos” que iriam rebentar depois. Rock é rock, e os Rolling Stones são ... Rock. Lascivo. Uma preciosidade.

Lou Reed, John Cale, Nico, Le Bataclan ‘72 - picture disc (1972, Get Back). Estatuto de preciosidade / raridade. Mais ainda por ser um “picture disc”. Ou seja, a capa está impressa no vinil. O disco é a música e a capa. Imaginem agora Reed, Cale e Nico, na ressaca dos bombásticos Velvet Underground, depois das paixões e das desilusões, em Paris, a tocar num club bas-de-fond. Eles: as suas personalidades, os seus talentos, as misérias e a

ansiedade. Os clássicos: a brotarem entre os Velvet, Lou Reed e o choque de personalidades – *Waiting For The Man*, *Berlin*, *Black Angel’s Death Song*, *Heroin* e outras. Decadência? Não. É o Bataclan em 1972. Marcas que ficam.

The Rolling Stones, *Hot Rocks 1964 - 1971* (2003, ABKO). A melhor colectânea dos Stones, até.... Se completada pelo *More Hot Rocks*. Está lá a matriz e o futuro do rock recreados *ad eternum*: de *Paint it Black*, a *Ruby Tuesday*, a *Let’s Spend the Night Together*, a *Jumpin’ Jack Flash*; *Brown Sugar* e *Wild Horses*. O melhor dos R.S. está aqui sem sombra de dúvidas. Só assim se percebem 50 anos de rock, a quente e a ferver. E as guitarras ferviam. Fervem.

The Rapture, *Echoes* (2003, DFA Records). Pop, funk, rock e disco. Sounds. A rua e os clubes. Putos hiperactivos com muita escola e atitude para dar e fazer eco. Entre Nova Iorque e o Futuro. Também para provar que os putos sabem editar em vinil – old school!! . Com a chancela DFA.

Quentin Tarantino’s Death Proof – *O.S.T.* (2007, Warner Bros. Rec.). Que grande disco. Raridades, preciosidades, enormidades e o gosto da boa música sem tempo a rodar em FM. Uma big rodela de prazer pop. Uma colectânea única como só o Sr. Tarantino consegue organizar. Prazer na música, nos diálogos e na arte da reinvenção da banda sonora: Jack Nietzsche, Ennio Morricone, T Rex, Eddie Floyd, Willy De Ville. E dois portentos áudio: *Down in Mexico* dos The Coasters e *Hold Tight* dos Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick & Tich. Mas afinal onde é que o gajo os vai buscar?

Dead Combo, *Guitars From Nothing* (2007, Rastilho Rec.). Em Portugal há muita gente em editar em vinil. Os The Gift editaram toda a sua obra. Escolhi os Dead Combo porque são dos meus predilectos e são, por certo, uma das 3 melhores bandas portuguesas do momento. Este é o penúltimo álbum editado, mas na prática é o primeiro gravado. Saiu em 2007 em vinil: é um álbum cru, mas de satisfação total. É mais que um disco, é uma viagem retorcida do tipo Lisboa – Texas. Ou será Lisboa – Sud Western?

Discos de Vinil: a música também é física. Palpável. Dá para tocar. Com as mãos. E os olhos também comem. Para começar, que tal correr até ao sótão e desencantar a velha aparelhagem/gira-discos e o caixote da “discalhada”... no mínimo devem andar por lá os ABBA :)

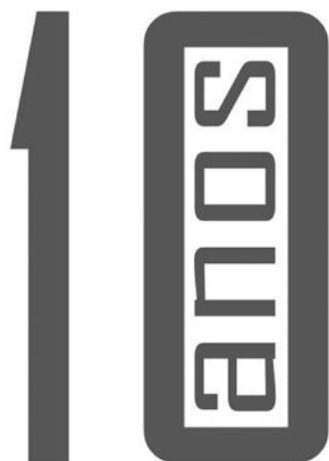
José Francisco Rolo



Conhecer OH...



Associação Cultural e Multimédia de Oliveira do Hospital



PERSPECTIVAS (5)

Conheço o trabalho da OHs. XXI há aproximadamente cinco anos, através de uma associação de um concelho vizinho da qual faço parte, a TábuaXXI.

O concelho de Oliveira do Hospital, sendo um concelho do interior, não deixa de traduzir essa realidade sociológica.

A informação, a cultura e o lazer assumem uma grande importância na vida das populações como actividades de enriquecimento individual e social. O esforço da OHs.XXI ao longo destes dez anos é disso exemplo, através da sua contribuição para a promoção do desenvolvimento cultural no concelho de Oliveira do Hospital e que se vai mantendo graças à persistência de alguns.

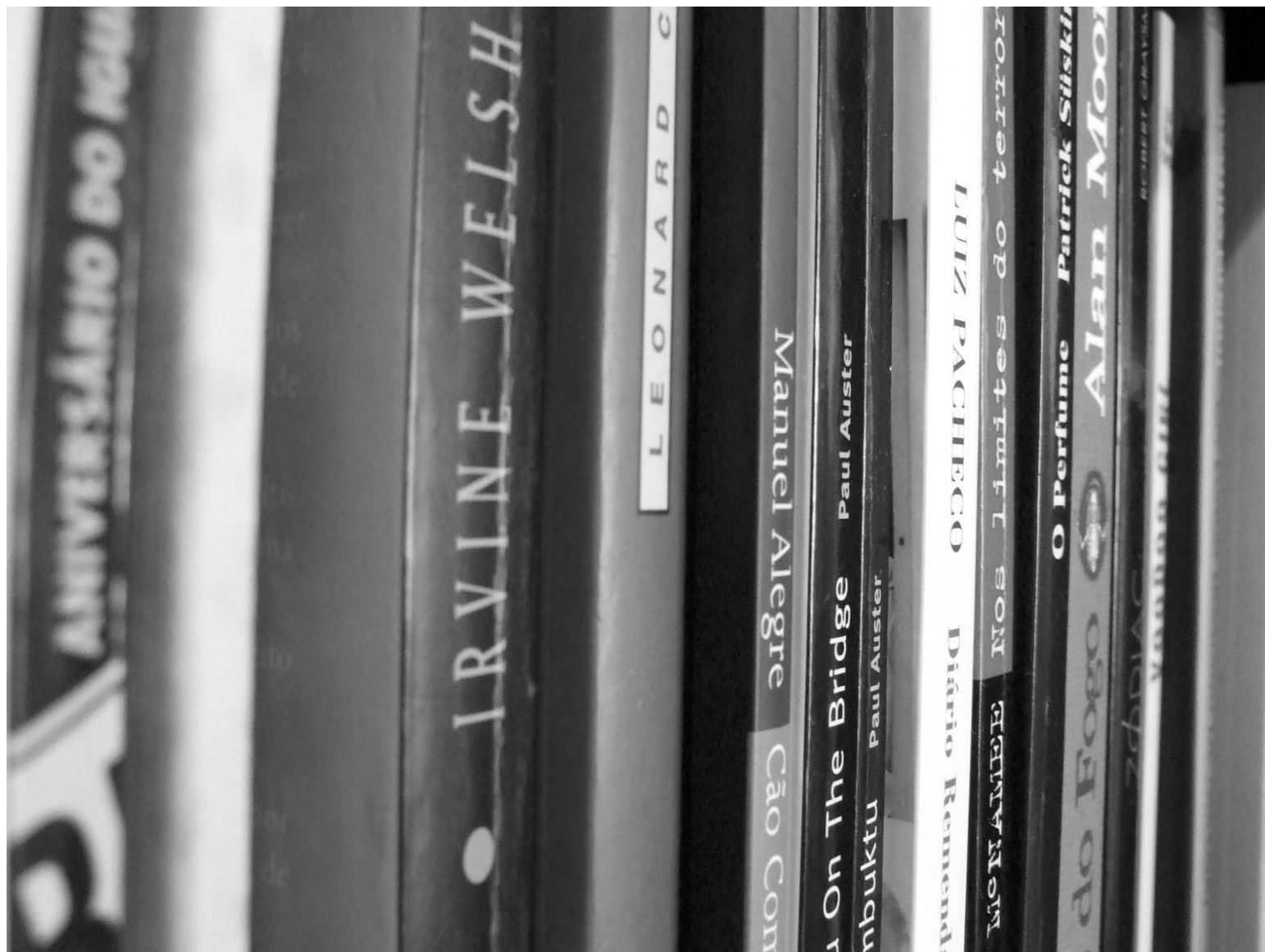
A OHs.XXI tem sido responsável pelas minhas deslocações a Oliveira do Hospital nestes últimos cinco anos. Através dela e da panóplia de actividades em áreas diversas tive oportunidade de conhecer, por exemplo, a Casa da Cultura, o Auditório da Caixa de Crédito Agrícola, restaurantes, cafés... se assim não fosse, muito provavelmente não conheceria a realidade do concelho.

A OHs.XXI tem sido um veículo importante de transmissão de cultura. É de lamentar o facto de, dez anos passados, o trabalho por ela realizado ainda seja desconhecido por alguns e quando questionados sobre a OHs.XXI respondam, "Quem são esses?" Penso que seria importante alguns reflectirem sobre o que está errado aqui.

O esforço das associações culturais que trabalham, nomeadamente nas zonas do interior, como é o exemplo da OHs.XXI, tem de ser reconhecido e apoiado.

Parabéns OHs.XXI e continuação de bom trabalho.

Dulce Coimbra, (TábuaXXI)



Estante de Livros

A fotografia que acompanha este texto escrito à pressa e sem propósito algum foi tirada em minha casa, a uma das estantes que fazem parte da pequena biblioteca, colocada estrategicamente no corredor. Podia ter escolhido uma das milhentas fotografias que circulam na net sobre este tema, mas não. Quis dar a este texto um cunho pessoal, pois então. Tenho uma panca enorme por livros, maior a panca do que os livros que algum dia irei ler, claro está. Acabo sempre por fazer o mesmo raciocínio: "Vá, compra esse, está a um preço porreiro, tens muito tempo pela frente para o leres!" Será? O tempo, esse filho da mãe que tem a mania das corridas, está constantemente a pregar-nos partidas e por isso, também, sempre a flirtar com os livros, numa espécie de jogo insaciável em que, constantemente, me vejo inserido. Mas o prazer de comprar um livro, manuseá-lo logo de seguida, entrar-lhe na pele e pertencer-lhe logo ali, é incomensurável. Sempre que o faço, torno-me no puto que recebe o brinquedo que há tanto tempo ansiava: não o largo nos dias que se seguirão. Às vezes não o começo a ler logo, mas tem que estar por perto, à mão de semear, porque a qualquer momento pode ser necessário, para os olhos e para a alma, que entretanto se tornou vazia de alimento literário.

Tenho mais livros do que aqueles que li e, eventualmente, do que aqueles que algum dia irei ler. No entanto, carrego comigo a esperança diária de que, a seu tempo, noutro tempo, conseguirei ler todos os livros que comprei, desde que goste deles. É que, ao contrário dos meus CD, não tenho bem a certeza se irei gostar de todos os livros que comprei e continuo a comprar. Compro uns, em dado momento, porque li uma crítica fantástica e fico logo em pulgas; outros, porque são de referência; outros ainda (a maior parte) porque fazem parte daquele movimento

literário de que tanto gosto e por isso não posso perder uma oportunidade sequer de os poder adquirir; outros, porque os amigos também têm e disseram que era fantástico e altamente recomendável; outros ainda, porque os amigos também têm, mas desta vez não disseram nada, o que me leva sempre a suspeitar que se tratará de uma obra importante e, em vez de a pedir emprestada, (porque esta coisa de se pedir um livro emprestado tem que se lhe diga – para além de não se poder fazer uma cópia de um dia para o outro, também não se lê de um dia para o outro...) decido adquiri-la.

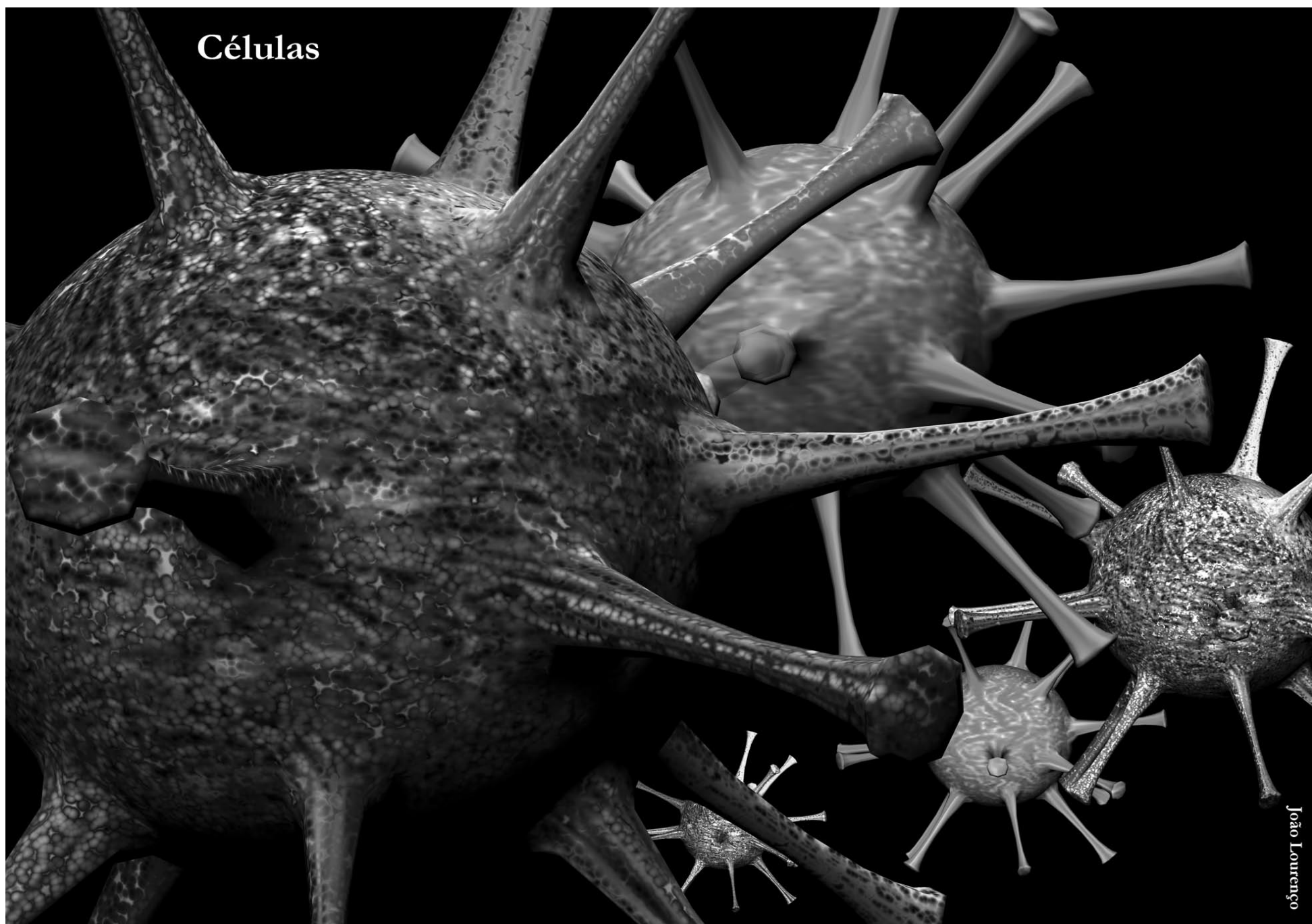
Quem ler este texto e pensar que gasto o orçamento familiar em livros, devo já avisar que se engana. Contudo, tento comprar um livro por mês, o que já não é nada mau, embora por vezes compre muitos livros por mês. Foi o caso deste último, por culpa da revista VISÃO, que decidi colocar livros de bolso de dupla face (prosa num lado, poesia noutro) de ilustres autores portugueses a 0,50 € a unidade. A SÁBADO tinha feito antes uma operação parecida, mas, a meu ver, menos conseguida. Enquanto escrevo estas linhas, amareladas pelo ameno sol que entra na sala, detenho-me, a espaços, a olhar para a estante dos livros, tentando perceber a sua linguagem e se, de alguma forma, me tentam dizer alguma coisa. Suponho que sim! Creio que os livros, pelo menos os nossos livros, aqueles que temos em casa ou nos acompanham nas viagens ou nas férias, nos dizem sempre qualquer coisa, na sua maneira uniforme de se expressarem. Tal como o animal de estimação, o livro é também um amigo, um confidente e, muito para além disso, uma máquina de fazer sonhar, de conhecimento e de entretenimento. Depois, alguns há que se nos entranham no ser mais fundo para que sempre os sintamos e, sempre que se tornar necessário, lhe deitemos a mão, o olhar, a entrega, a necessidade,

porque deles havemos de precisar, sempre e para sempre.

Abril é o mês do livro, e por isso este texto (acabei por encontrar o seu propósito, afinal!). A OHs.21 sempre o festejou, ora através de constantes tertúlias literárias e sessões de poesia, ora com do lançamento de obras literárias, ou ainda lançando mão dessa iniciativa pioneira na região a que deu o nome de 30 Dias, 30 Livros, Todos os Dias, em estreita colaboração com a Rádio Boa Nova... Lembro-me, particularmente, de uma tarde extremamente profícua e bem passada, no primeiro andar da Casa da Cultura César Oliveira, em que os intervenientes, i.e., todos aqueles que aceitaram o repto (foi, como sempre, uma iniciativa aberta à comunidade), levavam um livro, ou vários, e dissertavam sobre ele(s), confessando aos demais o porquê daquele(s) ser(em) o(s) livro(s) da sua vida. Através deste simples exercício, uma parte de nós era deliberadamente exposta, dando-nos a conhecer numa outra dimensão, mais pessoal e intransmissível (neste caso, por momentos, transmissível), através daquele objecto que escolhemos como parte de nós mesmos. A isto não se deve chamar o poder dos livros ou da literatura. A isto deve chamar-se o poder de cada um, porque cada um, de livre vontade, entranha em si o livro ou os livros que quiser, fazendo parte do corpo existente, ora para andar mais direito, ora para andar mais torto. A escolha é de cada um. Nem todos têm que ler os malditos, ou nas palavras de Frédi Fláche, os mal lidos, nem todos têm que ler os incontornáveis nomes da literatura clássica ou as teses filosóficas dos pensadores universais, ou ainda a literatura ligeira de hipermercado, vendida entre um pacote de Skip e um avental de cozinha.

Também há aqueles que nada lêem e, também por isso, nada de mal vem ao mundo. Cada um é como é e o livro também assim é!

Luís Antero



LEMBRAM-SE?

P *Encontros* **Pensar Século XXI**
Pensar Século XXI
Encontros

01 | CULTURA | Teresa Lago
 Presidente da Comissão "Porto 2001 Capital Europeia da Cultura"
 ... E depois do Porto 2001?

08 | JUSTIÇA | Pires de Lima
 Bastonário da Ordem dos Advogados
 Portugal - que justiça precisamos nós?

15 | SAÚDE | Manuel Antunes
 Cirurgião cardíaco-torácico HUC
 Longa se torna a espera

22 | MEDIA | José Manuel Fernandes
 Director do jornal "PÚBLICO"
Carlos Daniel
 RTP PORTO
 O poder global e os valores sociais

29 | ECONOMIA | Belmiro de Azevedo
 Presidente Grupo SONAE
 Ser empresário em Portugal - desafios

Casa da Cultura César Oliveira | Oliveira do Hospital | Entrada Livre

Organização: ENATUR - Pousada de St. Barbara, Adega Cooperativa Sr. das ALMAS, METALÚRGICA DA BEIRA, Câmara Municipal de OLIVEIRA DO HOSPITAL, Apoio Patrocinador: Caixa Geral de Depósitos, GOVERNO CIVIL, REDAQUAS, O TUNEL



Casa da Cultura César de Oliveira, 28 de Outubro de 2001



Casa da Cultura César de Oliveira, 25 de Março de 2009

3 PISTAS

LETRAS

A Arte Total



e Laurie Anderson.

O livro, tal como o subtítulo deixa antever, traça a história da Performance, através de sete interessantes capítulos – *Futurismo; Futurismo e Construtivismo Russos; Dada; Surrealismo; Bauhaus; A Arte ao Vivo: C. 1933 à Década de 70; A Arte das Ideias e a Geração dos Media 1968-2000*.

A Performance, para além de ser uma arte de vanguarda, é uma arte das artes, consubstanciada na sua multidisciplinaridade. Para além disso, é uma arte do real, onde o performer (artista) assume um papel de contacto directo com o público, com o grande público.

Esta obra incontornável e de referência obrigatória, explica tudo isto. Como explanado no blog pimenta negra (<http://pimentanegra.blogspot.com>), o livro “contextualiza a origem e o desenvolvimento da performance – desde os futuristas italianos às obras contemporâneas do artista Matthew Barney – no cenário internacional. Atravessando as áreas da dança, teatro, música, cinema, arquitectura e artes plásticas, a performance é hoje reconhecida, inclusive em termos académicos, pelo seu enorme contributo à evolução da história geral da arte e a sua importância no domínio dos estudos culturais” e explica como é que uma arte só reconhecida recentemente como meio de expressão artística independente (na década de 70 do século passado), foi estrutural em toda a história de arte, desde os renascentistas até ao presente.

Através da escrita simples e eficaz de Goldberg ficamos a entender porque é a Performance uma arte de ruptura e de transgressão, provocatória e crítica, subversiva e ilimitada. Uma arte total, portanto.

Uma excelente obra para estudantes de estudos artísticos, amantes de arte, artistas, professores e curiosos insaciáveis.

Luís Antero

A Arte da Performance: do Futurismo ao Presente,
Roselee Goldberg, Orfeu Negro, 2007

sons

só, mas bem acompanhado



O leitor por acaso não é um dos 40.000 portugueses que já descarregaram *Phalasolo* da internet? Se é, decerto que não deu o download por mal empregue. Se não gostou... decerto que não deu o download por mal empregue. É que *Phalasolo*, disco que Tiago Novo, músico dos Expensive Soul, assina a solo sob o nome de New Max, é o primeiro disco português feito para ser disponibilizado na net de forma totalmente gratuita – é um álbum sem suporte físico e sem custos para o consumidor. Tiago tinha um trabalho para mostrar e percebeu que os fundos obtidos com as suas vendas jamais cobririam as despesas que teria com a impressão das capas, o CD e a distribuição. Decidiu então disponibilizá-lo de forma livre (em www.phalasolo.com) e fazer dele um cartão de apresentação para os muitos concertos em que conta obter o justo retorno financeiro pela sua criatividade e o seu trabalho.

A verdade é que nada mais haveria para dizer se *Phalasolo* não fosse um bom disco, o melhor deste primeiro trimestre em Portugal (ok, um dos dois melhores, ao lado de *É Isso Ai*, dos Aquaparque). Disco de matriz soul mas aberto à influência dos muitos sons que compõem o leque da música negra – rap, hip hop, R&B, funk, reggae – consegue ainda integrar outros ritmos como o sample de fado que prespasa por *América Eléctrica* ou a quase marcha militar de *Marcha*. Um pouco à semelhança do que fez Manuel Cruz com Foge Foge Bandido (projecto a solo para o qual convocou mais de quatro dezenas de amigos), Tiago Novo também não se coíbiu de se rodear de alguns dos músicos e das vozes mais importantes da música moderna contemporânea, em que se destacam os nomes de Virgul e Pac Man, dos Da Weasel, além de Marta Ren e Sam The Kid. Tudo com o intuito de obter um som orgânico e coerente, onde coexistem os coros e os metais, os teclados e o baixo, num todo conduzido pela elástica voz soul de Tiago.

Tudo indica que o futuro da música passará, cada vez mais, por apostas como a de New Max. Para já, é altura de deixar de lado o velho provérbio que diz que quando a esmola é grande o pobre desconfia. *Phalasolo* é grátis... e é muito bom.

Artur Abreu

New Max, Phalasolo, 2009

imagens

Terra de Liberdade



Os Estados Unidos da América costumam surgir como uma espécie de farol mundial da defesa das liberdades fundamentais. Mas se, quando olhamos de longe para a floresta, esse mito americano se parece com a realidade, ao penetrarmos nela é impossível não tropeçar num sem número de árvores carunchosas que mancham essa imagem idílica.

Boa Noite, e Boa Sorte debruça-se sobre uma dessas árvores infectadas por ervas daninhas, mas mostra também porque é que, no fim, a democracia americana continua a ser tão forte. O filme insere-se na longa tradição americana de cinema liberal, com raízes nos filmes dos anos 30 de Frank Capra e momentos mais emblemáticos em alguns filmes dos anos 70 com Robert Redford. É um cinema “de consciência”, que tem em George Clooney um dos seus maiores representantes actuais. O qual decidiu, neste seu segundo filme como realizador, ilustrar um desses momentos nebulosos em que a democracia foi achincalhada, quando, na década de 50, o desvario e a obsessão da caça aos comunistas conduzida pelo senador McCarthy interferiu e prejudicou a vida privada de milhares de americanos, provocando despedimentos, barrando o acesso à possibilidade de trabalho e deixando-os votados ao ostracismo social. O que Clooney decidiu mostrar foi como, mesmo nessa época opressiva, houve gente que resistiu e afrontou McCarthy, denunciando a aleatoriedade e o fanatismo da sua actuação. No caso, a equipa de jornalistas dirigida por Edward Murrow (um fantástico David Strathairn, pleno de segurança e contenção), que no seu programa semanal das terças-feiras, na CBS, denunciou e desmontou diversos abusos cometidos pelo senador.

Boa Noite, e Boa Sorte, sendo um filme de 2005 (por que raio um filme que reúne um elenco de luxo e esteve na corrida aos óscares com 6 nomeações só agora chega ao DVD?) emparece muito bem com dois filmes da safra de 2008. Com *Milk*, partilha essa vontade imensa de mostrar que há sempre quem esteja pronto a dar o peito em defesa da liberdade e da igualdade, contra a prepotência obtusa dos poderes instituídos. Com *Frost-Nixon* divide o desejo de mostrar a televisão como o território privilegiado do acto político no século XX, o local de decisão e de confronto por excelência, onde os jornalistas são muito mais do que meros árbitros. O preto e branco da película e os longos cigarros que Murrow fuma incessantemente perante o seu público só mostram o quanto mudou esse palco em mais de meio século. Porque nos bastidores, as histórias continuam semelhantes.

Artur Abreu

Boa Noite e Boa Sorte, de George Clooney, DVD, 2009

BREVES CULTURAIS

SEMPRE ACTUAIS

Crise Académica de 69 em destaque em Coimbra. Os quarenta anos da mítica contestação ao Antigo Regime serão lembrados, em Abril, com um concerto de música gospel no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e uma exposição evocativa intitulada *A crise saiu à rua* que ficará dispersa por vários locais da Alta da cidade. A exposição trará para a rua fotografias encenadas, objectos 3D e centenas de figuras bidimensionais, incluindo estudantes, personagens do regime, da resistência, polícias, carros e cavalos-polícia, retratados à escala real em locais que foram palco do movimento estudantil como as Escadas Monumentais, a Praça da República, a Via Latina ou a Avenida Sá da Bandeira.

Cartaz com Obama vence prémio de design britânico. O cartaz da campanha do actual presidente dos EUA, com o então candidato a vermelho, branco e azul, as cores da bandeira norte-americana, venceu o Brit Insurance Design Award 2009, contra 89 concorrentes. O autor do poster, o artista de

rua Shepard Fairey, de Los Angeles, criou uma série limitada do retrato de Obama para ser comercializada, reproduzindo-a, além do cartaz, em T-shirts e autocolantes para a campanha presidencial. A obra ficará exposta no Museu do Design de Londres até ao próximo dia 14 de Junho.

SPA cria plataforma para defender criadores portugueses. Criada no cenário de crise internacional e de “desinvestimento” na Cultura em Portugal, a plataforma da Sociedade Portuguesa de Autores reunirá associações e organismos que defendam ou representem autores portugueses, criadores e intérpretes, seja do cinema, da literatura ou da música. O administrador-adjunto Pedro Osório queixou-se de “um pensamento antiquado que considera a cultura como um entretenimento de fim-de-semana, quando se sabe que gera uma riqueza indirecta enorme” e revelou que “há autores, alguns importantes, que estão neste momento com dificuldades financeiras, uma situação que era impossível de prever há qua-

tro, cinco anos. O mercado aumentou, mas a pirataria subiu dez vezes mais”, acrescentou.

77% dos inquiridos em estudo português faz downloads. A música é produto mais procurado na internet, mas 75% dos downloads realizados são ilegais, sendo o preço caro dos CD a razão apontada para justificar a opção. A maioria destes consumidores (84%), no entanto, afirma continuar a comprar CD. Pelo contrário, 70% dos inquiridos que descarregam séries ou filmes reconhecem que o suporte físico já foi substituído pela internet como “principal fonte” desses produtos. Mais de 80% dos inquiridos refere obter os audiovisuais de forma grátis, percentagem igual à dos que o afirmam em relação a jogos de computador ou consola. Aqui, 65,5% dos inquiridos diz que continua a comprar estes produtos e que a internet ainda não substituiu o objecto físico.

Arrancou o programa especial para museus aos domingos. Intitulado *Domingos das 10 às 13, Museus e Património*

... em Família, o programa pretende levar actividades especiais a 18 museus e monumentos do país, envolvendo ateliers, jogos, visitas-guiadas, leitura de histórias e teatro, entre outras. Na primeira fase o projecto, que decorrerá rotativamente aos domingos até ao dia 13 de Dezembro, vai envolver sobretudo museus nacionais de Lisboa e o Museu Soares dos Reis, no Porto, por serem os que concentram maior número de visitantes. Futuramente deverá ser estendida a outros museus da Rede Portuguesa de Museus.

Cristina Valadas integrou exposição em Bolonha. A ilustradora, vencedora da última edição do Prémio Nacional de Ilustração, foi a única portuguesa a integrar o lote de 80 autores que participaram na Mostra de Ilustradores realizada no âmbito do Feira do Livro Infantil de Bolonha, a mais importante do género na Europa. O júri, do qual fez parte o português Eduardo Filipe, programador da Bienal Ilustrarte, fez a escolha de entre um lote de 2700 candidatas. A feira teve a Coreia

do Sul como país convidado e decorreu entre 23 e 26 de Março.

I Festa do Livro Infantil decorre em Lisboa. A iniciativa da Câmara de Lisboa prolonga-se até dia 5 de Abril e conta com iniciativas como a *Hora do Conto*, a *Biblioteca Itinerante* ou o atelier *A Maior Flor do Mundo*, da Fundação José Saramago. Outra das secções fixas designa-se de *Encontro com os Leitores*, e por ela passaram ou passarão escritores e ilustradores como Danuta Wojciechowska, Alice Vieira, Inês Pupo, Gonçalo Pratas ou Matilde Rosa Araújo.

As músicas mais longas de sempre. A revista Blitz fez uma recolha das músicas mais longas de sempre, da qual excluiu remisturas e versões não originais. Pink Floyd e Mike Oldfield são os músicos mais representados, com duas canções cada no top 5. O topo da lista, no entanto, é ocupado por *Tales From Topographic Oceans*, dos Yes, com os seus mais de 80 minutos (1:20:52). Da lista com 30 músicas fazem parte temas de grupos tão diferentes como Blondie, Kraftwerk, Nick Cave, Meat Loaf, The Stooges, Funkadelic ou The Jimi Hendrix Experience.